

Diagnóstico financeiro em um centro automotivo de pequeno porte

DOI: 10.31994/rvs.v13i1.835

Raissa Magalhães Dias Cerqueira¹

Tatielle Menolli Longhini²

RESUMO

Ao longo dos anos, o movimento do empreendedorismo tem se expandido no Brasil, principalmente entre as micros e pequenas empresas (MPEs) - que também registram os maiores índices de mortalidade. Tal fato indica a necessidade de profissionalização dos negócios como forma de melhorar a gestão e a organização do negócio, especialmente na área financeira. As avaliações dos demonstrativos contábeis auxiliam a tomada de decisão por parte dos gestores. Para isso, comumente são utilizados os dados do balanço patrimonial (BP), da demonstração do resultado do exercício (DRE) e de índices econômico-financeiros. A empresa em estudo, um centro automotivo de pequeno porte, é gerida com base em decisões subjetivas e informais do proprietário, dispensando a análise dos dados econômico-financeiros do negócio. Por isso, o objetivo do estudo é avaliar a gestão financeira de um centro automotivo de pequeno porte, por meio de análises vertical e horizontal e de indicadores econômico-financeiros, visando a identificação de possíveis falhas de gestão e de melhorias aos problemas encontrados. Concluiu-se que a empresa não utiliza seus recursos de forma eficiente – uma vez que possui alto valor em estoque, não controla custos e despesas e depende fortemente de capital de terceiros para manter o seu negócio.

¹Graduada em Engenharia de Produção pelo Instituto Federal de Minas Gerais campus Governador Valadares, raissacerqueira@hotmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3397-199X>

² Docente pelo Instituto Federal de Minas Gerais, tatielle.longhini@ifmg.edu.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2934-9893>

PALAVRAS-CHAVE: MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. ANÁLISE VERTICAL. ANÁLISE HORIZONTAL. ÍNDICES ECONÔMICO-FINANCEIROS.

Financial diagnosis in a small automotive center

ABSTRACT

Over the years, the entrepreneurship movement has expanded in Brazil, especially among micro and small enterprises (MSEs) - which also have the highest mortality rates. This fact indicates the need for professionalization of business as a way to improve the management and organization of the business, especially in the financial area. The evaluations of the financial statements help the decision making by the managers. For this, data from the balance sheet (BP), the income statement (DRE) and economic-financial indices are commonly used. The company under study, a small automotive center, is managed based on subjective and informal decisions of the owner, dispensing with the analysis of the economic-financial data of the business. Therefore, the objective of the study is to evaluate the financial management of a small automotive center, through vertical and horizontal analyzes and economic-financial indicators, aiming at identifying possible management failures and improvements to the problems encountered. It was concluded that the company does not use its resources efficiently - since it has a high value in stock, it does not control costs and expenses and depends heavily on third-party capital to maintain its business.

KEYWORDS: MICRO AND SMALL COMPANIES. VERTICAL ANALYSIS. HORIZONTAL ANALYSIS. ECONOMIC-FINANCIAL INDEXES.

INTRODUÇÃO

O empreendedorismo tem crescido no Brasil nos últimos anos. As Microempresas (MEs) e Empresas de pequeno porte (EPPs) têm participação importante nos resultados do país. No ano de 2021, segundo informações do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), alcançou-se número recorde de abertura de pequenos negócios, o que é muito importante para o desenvolvimento e crescimento econômico nacional, dada a capacidade de gerar emprego e renda (SEBRAE, 2021).

Mesmo diante do cenário positivo, as micro e pequenas empresas (MPEs) enfrentam problemas frequentes com a gestão dos negócios. Principalmente, em função da falta de organização, da pouca ou nenhuma estrutura, poucos assessores de apoio, divisão do trabalho não rigorosa, atividades centralizadas na cúpula, pouca hierarquia gerencial e poder decisório nas mãos do executivo principal. Atividades de planejamento e treinamento são mínimas (TERENCE, 2008; MINTZBERG, 2003).

Inevitavelmente, isso interfere na saúde financeira da empresa, ou seja, no sucesso ou o fracasso do negócio (GITMAN, 2010). Tomar decisões requer o uso de informações estratégicas nas fases de planejamento, controle e avaliação de desempenho dos resultados. Sendo que boa parte dos dados podem ser obtidos nos demonstrativos contábeis, tais como o Balanço Patrimonial (BP) e a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE), que revelam a situação financeira da empresa.

Dessa maneira, são disponibilizadas informações sobre a situação contábil, financeira e patrimonial da organização (MARION, 2018). A partir dos demonstrativos contábeis também é possível avaliar a gestão financeira através das análises vertical e horizontal e de índices econômico-financeiros. A análise horizontal aponta a variação percentual das contas ao longo de diferentes períodos, como forma de apontar tendências de comportamento da empresa (OLIVEIRA *et al*, 2010). Já a vertical indica o percentual que cada elemento representa em relação ao ativo ou passivo como um todo.

Ao desenvolver índices econômico-financeiros, são confrontados diversos grupos ou contas patrimoniais. O que permite que os gestores interpretem e entendam os resultados com mais clareza a partir de informações sucintas e objetivas sobre eficiência, rentabilidade, endividamento, estrutura de capital e liquidez da empresa (BREALEY *et al*, 2018; GRIFFIN, 2012; OLIVEIRA *et al*, 2010).

O presente estudo visou responder a seguinte questão: “Como a avaliação da gestão financeira de um centro automotivo de pequeno porte, por meio de análises vertical e horizontal e de indicadores econômico-financeiros, permite a identificação de falhas de gestão e de melhorias aos problemas encontrados?”. Portanto, objetiva avaliar a gestão financeira de um centro automotivo de pequeno porte, por meio de análises vertical e horizontal e de indicadores econômico-financeiros, visando a identificação de possíveis falhas de gestão e de melhorias aos problemas encontrados.

Para isso, realizou-se uma pesquisa aplicada, com objetivo descritivo, de natureza quali-quantitativa, tendo como objeto um estudo de caso. Os dados foram coletados por observação direta e pesquisa documental. O presente trabalho encontra-se estruturado em cinco seções (além desta introdução). A seção 2 destaca o referencial teórico sobre o tema. Em seguida, a metodologia é descrita na seção 3. Posteriormente, são apresentados e analisados os resultados (seção 4). Por fim, as considerações finais são apresentadas na seção 5, seguidas das referências bibliográficas

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Este referencial apresentará a realidade das micro e pequenas empresas no Brasil e os instrumentos que serão utilizados para análise das demonstrações contábeis da empresa em estudo.

1.1 Realidade das MPEs no Brasil

As Micro e Pequenas Empresas (MPEs) têm se mostrado importantes para economia brasileira. Em 2021, um levantamento do Sebrae apontou número recorde de abertura de novos negócios. Ao todo, mais de 3,9 milhões de empreendedores se formalizaram, o que representa um aumento de 19,8% em relação ao ano anterior - sendo que as microempresas correspondem a 17,35% (682,7 mil) das empresas abertas (SEBRAE, 2021). Em relação ao mesmo ano, os pequenos negócios criaram 70% das novas vagas de trabalho e geraram 30% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro.

Mesmo tendo grande representatividade na economia brasileira, o segmento de microempreendedores individuais (MEI) registra o maior índice de mortalidade em até cinco anos, representando 21,6% dos negócios (SEBRAE, 2020). De um modo geral, o fracasso das MPEs está ligado à falta de planejamento, de organização e de habilidade técnica, além de fatores econômicos, condições de infraestrutura e informalidade do negócio (MEHRALIZADEH; SAJADY; 2005). O perfil do empreendedor ou sua inexperiência também são fatores preponderantes à mortalidade (SILVA et al, 2015).

De acordo com McMahan (2001), os problemas financeiros de empresa não acontecem apenas em função da concorrência de mercado – mesmo que esta seja significativa. A ausência de planejamento e de controle financeiro é uma das principais causas de mortalidade das MPEs no Brasil (SEBRAE/SP, 2007). À medida que as práticas de gestão financeira são melhoradas, a empresa se torna mais eficaz. Por isso, existem técnicas e ferramentas que auxiliam a gestão financeira.

1.2 Análise das demonstrações contábeis

A administração financeira visa a maximização de riqueza dos investidores (JUNIOR; RIGO; CHEROBIM, 2010). Para isso, é indispensável o monitoramento de

dados financeiros ao longo dos anos como forma de compreender os fatos econômicos e a posição patrimonial e financeira da empresa (GITMAN, 2010).

Basicamente, os demonstrativos contábeis são relatórios com informações importantes de diversos setores, sendo imprescindíveis na fase de planejamento estratégico do negócio (MELO; BARBOSA, 2018). Cada demonstração contábil tem sua particularidade e possui informações sobre determinadas operações da empresa.

Segundo Castiglioni (2014), a lei nº 6.404/76, posteriormente alterada pela lei nº 11.638/2007, exige que as empresas mantenham o Balanço Patrimonial (BP), a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) e a Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC). Através delas, é possível analisar todo o conjunto patrimonial da empresa, o resultado líquido do período (de lucro ou prejuízo) e alterações nas contas de caixa e equivalentes de caixa.

Para as MPEs, mais especificamente, há um tratamento simplificado em virtude do seu tamanho, conforme definido na resolução 1418/12 do Conselho Federal de Contabilidade, que trata do Modelo Contábil para Microempresa e Empresa de Pequeno Porte. Entre elas, é obrigatória a apresentação apenas do Balanço Patrimonial e Demonstração do Resultado do Exercício; as demais demonstrações são de caráter facultativo.

1.1.1 Balanço patrimonial (BP)

O Balanço Patrimonial (BP) é uma importante ferramenta para auxiliar os gestores nas tomadas de decisão. O principal objetivo é apresentar a situação patrimonial e financeira da empresa de maneira resumida e ordenada, quali e quantitativamente (SANTOS *et al.*, 2014). O BP é formado pela relação do ativo, passivo e patrimônio líquido da empresa (SZUSTER *et al.*, 2011).

O ativo é composto por contas representativas de bens, direitos ou outros recursos que, de alguma forma, gerem ou ajudem a gerar caixa para a empresa. O mesmo é subdividido em circulante, com itens de maior liquidez: caixa, equivalentes

de caixa, estoques e contas a receber; e não circulante, composto por itens de menor liquidez, como: equipamentos e imóveis (MARTINS; MIRANDA, 2019).

O passivo é composto por contas relacionadas às obrigações da empresa. Ele também é subdividido em passivo circulante e passivo não circulante. O passivo circulante evidencia as obrigações e dívidas com terceiros que serão pagas em curto prazo como: fornecedores, salários, impostos e empréstimos (MARION, 2018). Já no não circulante, são contabilizadas as dívidas a longo prazo.

A última divisão do BP é o patrimônio líquido (PL). Nela, são demonstradas as contas de obrigações que empresa tem com os sócios, acionistas ou titulares como: capital social, reservas de capital, ajustes de avaliação patrimonial e reserva de lucros (GONÇALVES; BATISTA; 2011). De acordo com Ribeiro e Coelho (2017), o BP é representado graficamente em formato de “T”, onde o lado esquerdo é estabelecido os itens do ativo e do lado direito os itens do passivo.

1.1.2 Demonstração do Resultado do Exercício (DRE)

A Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) é uma forma organizada de demonstrar o resultado da empresa em determinado período, seja de lucro ou prejuízo (SZUSTER *et al.*, 2011). Deve ser feita de forma dedutiva, iniciando com a receita operacional bruta, da qual são deduzidos todos os custos e despesas para apuração do lucro líquido.

A mensuração do resultado deve respeitar o princípio da competência; independente do recebimento de uma receita ou pagamento de uma despesa, ela deverá constar na DRE na data em que ocorrer (GRECO, AREND, 2016; LUCATO, 2008). Dessa forma, são confrontados receitas, despesas e custos.

O desempenho de uma empresa, em determinado período, é fundamental para avaliação de sua saúde financeira. Esse resultado é obtido através da diferença das receitas e despesas: (a) prejuízo, quando as despesas são maiores que as receitas; ou (b) lucro, quando as receitas são maiores que as despesas (OYADOMARI, 2018). No Quadro 1 é apresentado um modelo de DRE.

Quadro 1 - Modelo de DRE.

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO EXERCÍCIO (DRE)
RECEITA BRUTA DE VENDAS
(-) Deduções de vendas
Vendas canceladas
Descontos incondicionais
Devoluções de vendas
(-) Impostos sobre vendas
ICMS sobre faturamento
RECEITA LÍQUIDA DE VENDAS
(-) Custo dos produtos e serviços vendidos
LUCRO BRUTO
(+/-) Receita e despesas operacionais
(-) Despesas comerciais
(-) Despesas administrativas
(-) Despesas operacionais
(+) Outras despesas operacionais
(-) Outras despesas operacionais
Resultado de investimento em coligadas e controladas
RESULTADO ANTES DAS DESPESAS E RECEITAS FINANCEIRAS
(+/-) Resultado financeiro líquido
(+) Receitas financeiras
(-) Despesas financeiras
RESULTADO ANTES DOS TRIBUTOS SOBRE O LUCRO
(-) Provisão para CSLL
(-) Provisão para IRPJ
RESULTADO LÍQUIDO DAS OPERAÇÕES CONTINUADAS
Resultado líquido após os tributos das operações descontinuadas
Resultado líquido de baixas de ativos de mensuração do valor justo
RESULTADO LÍQUIDO DO PERÍODO

Fonte: Iudícibus, Marion e Faria (2018).

Segundo Marion (2018), a DRE fornece informações que auxiliam a tomada de decisão. A dedução é feita no sentido vertical, onde as receitas são subtraídas pelas despesas ao longo de um período de doze meses, normalmente, ao longo dos grupo de despesas, tipos de lucros/prejuízos e impostos.

1.1.3 Análise vertical e horizontal

Os demonstrativos contábeis são comumente avaliados vertical e horizontalmente (MATARAZZO, 2008). A análise vertical demonstra a participação de cada item em relação a um referencial, evidenciando o peso de cada conta, para compreender a composição dos itens contábeis (MARTINS; DINIZ; MIRANDA, 2019; SILVA, 2017).

Já a análise horizontal relaciona um período com outro, identificando a evolução percentual dos itens; dessa forma, é possível verificar se houve crescimento ou não ao longo dos anos (MATARAZZO, 2008). Para melhor entendimento, segue o Quadro 2 com fórmulas para BP e DRE.

Quadro 2 - Fórmula de Análise vertical e horizontal para BP e DRE.

Análise	BP	DRE
Vertical	<p><u>Ativo:</u> $AV(\%) = \frac{\text{valor da conta do ativo}}{\text{valor do ativo total}} \times 100$</p> <p><u>Passivo:</u> $AV(\%) = \frac{\text{valor da conta do passivo}}{\text{valor do passivo total}} \times 100$</p>	$AV(\%) = \frac{\text{valor da conta}}{\text{receita líquida}} \times 100$
Horizontal	<p><u>Ativo:</u> $AH(\%) = \left\{ \left(\frac{\text{valor da conta do ativo}}{\text{valor da conta do ativo no ano anterior}} \right) - 1 \right\} \times 100$</p> <p><u>Passivo:</u> $AH(\%) = \left\{ \left(\frac{\text{valor da conta do passivo}}{\text{valor da conta do passivo no ano anterior}} \right) - 1 \right\} \times 100$</p>	$AH(\%) = \left\{ \left(\frac{\text{valor da conta}}{\text{valor da conta no ano anterior}} \right) - 1 \right\} \times 100$

Fonte: Autoria própria.

As análises vertical e horizontal podem ser consideradas como um procedimento inicial para avaliação de desempenho de determinada empresa (ASSAF NETO; LIMA, 2017). A confirmação dos resultados deve ser obtida por meio de uma análise financeira mais aprofundada, através de índices econômico-financeiros.

1.1.4 Uso de índices econômico-financeiros

Os índices são ferramentas que possibilitam uma avaliação da empresa, dando uma visão mais detalhada sobre determinadas contas contábeis (ASSAF NETO, 2012). Com base neles, são avaliados, no curto, médio e longo prazo, a liquidez, a rentabilidade e o endividamento (MARION, 2018; PADOVEZE, 2006).

Basicamente, contribuem para reajustar a realidade da empresa em função da necessidade de recursos em suas operações. Os índices são divididos em: (i) financeiros, que evidenciam a situação financeira da empresa (liquidez e

endividamento); e (ii) econômicos, que indicam margens de lucro, retorno de capital investido e velocidade das operações (OLIVEIRA et al, 2010).

Os índices de liquidez (Quadro 3) indicam a capacidade de pagamento de passivos, ou seja, de saldar suas obrigações com terceiros. Por isso, quanto maior o valor desses índices, melhor a situação da empresa, a depender do prazo de avaliação (OLIVEIRA et al, 2010).

Quadro 3 - Índices de liquidez.

Índices	Fórmula	Definição
Liquidez corrente	$\frac{\textit{Ativo circulante}}{\textit{Passivo circulante}}$	Quando a empresa possui, no curto prazo, recursos imediatos e conversíveis em dinheiro em relação às dívidas de curto prazo (IUDÍCIBUS, 2010).
Liquidez imediata	$\frac{\textit{Caixa e equivalentes de caixa}}{\textit{Passivo circulante}}$	O quanto a empresa dispõe, imediatamente, para saldar suas dívidas a curto prazo (IUDÍCIBUS, 2010).
Liquidez seca	$\frac{\textit{Ativo circulante} - \textit{Estoque}}{\textit{Passivo circulante}}$	Compara o ativo circulante, descontado pelo estoque, com o passivo circulante. Assim, elimina os riscos de realização desse ativo (OLIVEIRA et al, 2010).
Liquidez geral	$\frac{\textit{Ativo circulante} + \textit{Realizável a longo prazo}}{\textit{Passivo circulante} + \textit{Exigível a longo prazo}}$	Revela a liquidez da empresa, tanto a curto quanto a longo prazo (ASSAF NETO, 2012).

Fonte: Adaptado pelas autoras, como base em Marion (2018).

Os índices de rentabilidade e lucratividade (Quadro 4), de acordo com Padoveze e Benedicto (2010), são decorrentes da produtividade e do giro do ativo, das margens de lucro sobre venda e da estrutura de capital. Esses índices também são do tipo “quanto maior, melhor”.

Quadro 4 - Índices de rentabilidade e lucratividade.

Índices	Fórmula	Definição
Giro do Ativo	$\frac{\textit{Receita líquida}}{\textit{Ativo total}}$	Indica o quanto a empresa vendeu para R\$ 1,00 de investimento total (BORBA; DILL, 2007).
Margem operacional bruta	$\frac{\textit{Sobra operacional bruta}}{\textit{Receita líquida}}$	Sobra de receita depois de abatidos custos de produtos e serviços (ZDANOWICZ, 2014)
Margem operacional líquida	$\frac{\textit{Sobra operacional líquida}}{\textit{Receita líquida}}$	Indica quanto a empresa obtém de lucro para cada R\$ 1,00 vendidos (BORBA; DILL, 2007).
Margem de contribuição	$MC = \textit{Receita Bruta Total} - \textit{Custos e despesas variáveis}$	Valor das vendas de mercadorias e/ou serviços prestados, diminuído dos custos e despesas variáveis. Há lucro quando a margem de contribuição supera custos e despesas fixas do período (HASTENTEUFEL; LARENTIS, 2015).

Índice Margem de contribuição	$\frac{MC}{Receita\ Bruta\ Total} * 100$	Valor da divisão da margem de contribuição unitária pelo preço de venda, ou pela divisão da margem de contribuição total pela receita total (COLLATTO; REGINATO, 2005).
Ponto de Equilíbrio	$\frac{Valor\ dos\ custos\ fixos}{Índice\ margem\ de\ contribuição}$	Ponto em que a margem de contribuição se iguala aos custos e despesas fixos - ponto do lucro zero (COLLATTO; REGINATO, 2005).
Retorno sobre o ativo	$\frac{Lucro\ operacional}{Ativo\ total}$	Indica o quanto se obtém de lucro para cada R\$ 1,00 de investimento total (BORBA; DILL, 2007).
Retorno sobre o PL	$\frac{Lucro\ operacional}{Patrimônio\ Líquido}$	Indica quanto se obteve de lucro em relação ao capital próprio investido (BORBA; DILL, 2007).

Fonte: Autoria própria.

Por fim, os índices de endividamento (Quadro 5) informam se a empresa utiliza mais recursos de terceiros ou próprios para se capitalizar (MARION, 2018). Muitas não possuem condições financeiras próprias suficientes para manter sua atividade, utilizando-se de capitais de terceiros (ASSAF NETO, 2012). Esses indicadores são do tipo “quanto maior, pior” (FILHO; FERREIRA, 2019).

Quadro 5 - Índices de endividamento.

Índices	Fórmula	Definição
Capital de terceiros	$\frac{Passivo\ circulante + Passivo\ Exigível\ a\ longo\ prazo}{Patrimônio\ Líquido}$	Demonstra percentual do capital de terceiros em relação ao patrimônio líquido.
Composição de endividamento	$\frac{Passivo\ Circulante}{Passivo\ Circulante + Passivo\ Exigível\ a\ longo\ prazo}$	Indica o percentual da dívida total que a empresa deve pagar no curto prazo em relação ao total das suas dívidas.
Imobilização do patrimônio líquido	$\frac{Ativo\ permanente}{Patrimônio\ líquido}$	Indica o percentual do Patrimônio Líquido que foi aplicado no Ativo Permanente.

Fonte: Autoria própria, com base em Borba e Dill (2007).

Segundo Gomes e Silva (2006), os índices econômico-financeiros demonstram a relação entre contas ou grupo de contas das demonstrações contábeis para evidenciar a posição atual da empresa e inferir sobre o futuro dela.

2 METODOLOGIA

O método de pesquisa representa um conjunto de técnicas e procedimentos para coleta e análise de dados (STRAUSS, CORBIN; 1998). O presente estudo se

configura como uma pesquisa aplicada, uma vez que visa gerar conhecimento através da aplicação prática de um estudo. No presente trabalho, buscou-se a resolução de problemas específicos de um centro automotivo de pequeno porte, para aprimorar o seu sistema financeiro (GIL, 2019).

O objetivo da pesquisa é descritivo, pois busca verificar a saúde financeira da empresa através de diagnóstico por análise vertical e horizontal e índices econômico-financeiros. Segundo Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa descritiva possibilita, a partir do levantamento de dados, interpretar e analisar fenômenos.

Em relação à natureza, o estudo é considerado quali-quantitativo, pois buscou interpretar o comportamento financeiro da empresa com base nos documentos contábeis levantados, por meio das ferramentas da administração financeira. Segundo Marconi e Lakatos (2017), a abordagem qualitativa oferece uma riqueza de dados descritivos. Ou seja, é analisado o comportamento de determinada situação, com interpretação dos dados levantados. Enquanto na pesquisa quantitativa, as relações entre variáveis são analisadas por linguagem matemática.

Quanto ao objeto, o estudo utilizou o estudo de caso, com a intenção de identificar possíveis falhas de gestão financeira, sendo analisado um fenômeno específico (YIN, 2001). A coleta de dados foi realizada através de observação direta e pesquisa documental, com intuito de reunir dados que permitiriam visualizar a situação financeira da empresa no atual momento.

Informações adicionais podem ser obtidas por observações, uma vez que permitem visualizar fatos em tempo real (YIN, 2001). Já a pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, dados e informações não tratadas científica ou analiticamente. De acordo com Fachin (2006) e Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa documental consiste em toda informação coletada a partir de documentos escritos ou não, e que se configura como dados de fonte primária.

Em termos práticos, visando o objetivo do estudo, a pesquisa foi dividida em três etapas. A primeira delas consistiu na observação direta das operações de gestão financeira e no levantamento de dados dos demonstrativos contábeis (DRE e BP) entre os anos de 2017 a 2019. Na segunda etapa, foram realizadas as análises

vertical e horizontal e análise de índices econômico-financeiros. Por fim, com base nos resultados, foram sugeridas medidas de melhorias.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A empresa em estudo é um centro automotivo, atuante no mercado há mais de dez anos e que oferece produtos e serviços de mecânica em geral para veículos automotores. É de pequeno porte, com faturamento médio anual de R\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinquenta mil reais). Para compreender a gestão financeira da empresa, foram coletados dados das suas transações através de observação direta.

As movimentações de caixa são feitas por lançamentos diários de entradas e saídas em uma planilha eletrônica, contando com revisão do proprietário, ao fim do expediente. Dessa forma, percebe-se que há acompanhamento contínuo do caixa, conforme sugere Assaf Neto (2017), permitindo o monitoramento dos recursos e de liquidez para pagamento de obrigações da empresa.

Entretanto, ao fim de cada mês, os resultados são analisados superficialmente. Isso porque a gestão financeira é informal, já que não possui planejamento financeiro e estratégico com metas de longo prazo.

A empresa possui um sistema que informacional que gera diferentes relatórios sobre contas pagas/recebidas, vendas em determinado período e contas a pagar/receber. No entanto, percebe-se que o proprietário pouco as usa; suas análises são feitas manualmente.

O sistema é utilizado apenas para gerar as ordens de serviços, requisições de produtos, cadastros de clientes e estoque de produtos. A falta de informatização gera atraso no pagamento das despesas operacionais, tais como: aluguel, boletos de mercadorias, salários de funcionários, entre outros. A maior parte das decisões é tomada subjetivamente pelo proprietário, que cuida de toda parte administrativa e financeira, contando com apoio de contabilidade externa (responsável pelos

demonstrativos financeiros). Os demonstrativos são avaliados apenas quando há necessidade de informação específica.

3.1 Análise vertical e horizontal do Balanço Patrimonial (BP)

Realizou-se análise vertical e horizontal do BP e DRE (Tabelas 1 e 2) com dados dos anos de 2017, 2018 e 2019. No ano de 2017, foi feita apenas a análise vertical uma vez que a indisponibilidade de dados de 2016 inviabilizou a análise horizontal. Durante a análise, percebeu-se que o ativo circulante é a conta que apresenta maior relevância dentro do ativo total em todos os anos, registrando 98,97%, 99,09% e 99,54% em 2017, 2018 e 2019, respectivamente. No entanto, nestes mesmos anos, a maior parte do ativo circulante é composto pelo estoque de mercadorias - com 77,71%, 61,43% e 84,07%. Já a conta clientes representava 21,16%, 61,43% e 15,23% do ativo.

A partir da análise horizontal da conta clientes, em 2018, nota-se um acréscimo de 101,88% em relação ao ano de 2017. O que demonstra alto índice de contas a receber e falta de controle nas vendas a prazo. Em 2019, houve queda de 63,87% deste mesmo indicador.

A conta caixa geral é composta pelos valores disponíveis em caixa. Em 2017, representou apenas 0,10% do ativo total; já em 2018 e 2019, 0,12%. Ao realizar a análise horizontal de 2019, observou-se uma queda de 12,48% em relação ao ano anterior. Tais dados revelam que, embora a maior parte dos ativos da empresa sejam circulantes, ela depende das vendas e/ou recebimento dos clientes para cumprir com suas obrigações de curto prazo - haja visto que os valores disponíveis em caixa são baixos.

Tabela 1 - Balanço Patrimonial (Ativo).

	AV%	2017	AV%	AH%	2018	AV%	AH%	2019
Caixa Geral	0,10	R\$ 877,38	0,12	39,53	R\$ 1.224,24	0,12	-12,48	R\$ 1.071,47
Clientes	21,16	R\$ 190.050,73	37,45	101,88	R\$ 383.674,73	15,23	-63,87	R\$ 138.637,73
Estoque de Mercadorias	77,71	R\$ 697.936,03	61,43	-9,83	R\$ 629.313,64	84,07	21,62	R\$ 765.351,36
Brindes e Bonificações	0,00	R\$ -	0,09	0,00	R\$ 877,55	0,12	28,49	R\$ 1.127,56
TOTAL DO ATIVO CIRCULANTE	98,97	R\$ 888.864,14	99,09	14,20	R\$ 1.015.090,16	99,54	-10,73	R\$ 906.188,12
Ferramentas	0,41	R\$ 3.719,55	0,36	0,00	R\$ 3.719,55	0,41	0,00	R\$ 3.719,55
Máquinas e Equipamentos	2,79	R\$ 25.059,00	2,45	0,00	R\$ 25.059,00	2,75	0,00	R\$ 25.059,00
Móveis e Utensílios	0,04	R\$ 389,70	0,04	0,00	R\$ 389,70	0,04	0,00	R\$ 389,70
Veículos	3,55	R\$ 31.911,84	3,12	0,00	R\$ 31.911,84	3,51	0,00	R\$ 31.911,84
Depreciação de Ferramentas	-0,41	-R\$ 3.719,55	-0,36	0,00	-R\$ 3.719,55	-0,41	0,00	-R\$ 3.719,55
Depreciação de Maq. e Equipamentos	-1,78	-R\$ 15.995,51	-1,56	0,00	-R\$ 15.995,51	-2,31	31,33	-R\$ 21.007,19
Depreciação de Móveis e Utensílios	-0,02	-R\$ 178,75	-0,02	0,00	-R\$ 178,75	-0,03	43,64	-R\$ 256,75
Depreciação de Veículos	-3,55	-R\$ 31.911,84	-3,12	0,00	-R\$ 31.911,84	-3,51	0,00	-R\$ 31.911,84
Software ou Programas de Computador	0,39	R\$ 3.500,00	0,34	0,00	R\$ 3.500,00	0,38	0,00	R\$ 3.500,00
Amortização Sistemas Aplicativos – Software	-0,39	-R\$ 3.500,00	-0,34	0,00	-R\$ 3.500,00	-0,38	0,00	-R\$ 3.500,00
TOTAL DO ATIVO NÃO CIRCULANTE	1,03	R\$ 9.274,44	0,91	0,00	R\$ 9.274,44	0,46	-54,88	R\$ 4.184,76
TOTAL DO ATIVO	100,00	R\$ 898.138,58	100,00	14,05	R\$ 1.024.364,60	100,00	-11,13	R\$ 910.372,88

Fonte: Dados da empresa.

Tabela 2 - Balanço Patrimonial (Passivo e Patrimônio Líquido).

	AV%	2017	AV%	AH%	2018	AV%	AH%	2019
Fornecedores	35,68	R\$ 320.477,76	56,05	79,17	R\$ 574.184,45	19,58	-68,96	R\$ 178.243,78
Salários e remunerações a pagar	0,62	R\$ 5.608,96	0,49	-10,17	R\$ 5.038,59	0,83	49,09	R\$ 7.512,27
Honorários profissionais a pagar	0,06	R\$ 500,00	0,05	0,00	R\$ 500,00	0,00	-100,00	R\$ -
FGTS a pagar	0,07	R\$ 615,72	0,68	1026,84	R\$ 6.938,15	1,56	104,73	R\$ 14.204,81
Contribuição Assistencial a recolher	0,00	R\$ -	0,01	0,00	R\$ 60,00	0,00	-100,00	R\$ -
INSS retido a recolher	0,37	R\$ 3.297,89	0,74	131,08	R\$ 7.620,82	1,89	126,16	R\$ 17.235,55
IRRF a recolher - Pessoa física	0,00	R\$ 19,59	0,01	400,82	R\$ 98,11	0,01	0,00	R\$ 98,11
DAS - Simples Nacional a pagar	0,58	R\$ 5.197,80	8,03	1482,02	R\$ 82.230,35	7,05	-21,90	R\$ 64.222,30
INSS parcelamento	3,46	R\$ 31.031,67	2,66	-12,28	R\$ 27.220,80	3,95	32,22	R\$ 35.990,98
Simples Nacional - parcelamento a pagar	8,40	R\$ 75.464,65	7,37	0,00	R\$ 75.464,65	9,94	19,94	R\$ 90.513,82
Comunicação a pagar	0,33	R\$ 2.952,30	0,30	3,45	R\$ 3.054,18	0,00	-100,00	R\$ -
TOTAL DO PASSIVO CIRCULANTE	49,57	R\$ 445.166,34	76,38	75,76	R\$ 782.410,10	44,82	-47,85	R\$ 408.021,62
Empréstimos de sócios	95,22	R\$ 855.251,76	116,49	39,52	R\$ 1.193.251,76	178,31	36,04	R\$ 1.623.251,76
Parcelamento PERT demais débitos	14,29	R\$ 128.320,70	5,86	-53,24	R\$ 60.002,45	6,09	-7,62	R\$ 55.428,54
TOTAL DO PASSIVO NÃO CIRCULANTE	109,51	R\$ 983.572,46	122,34	27,42	R\$ 1.253.254,21	184,39	33,95	R\$ 1.678.680,30
Capital Social Realizado	4,45	R\$ 40.000,00	3,90	0,00	R\$ 40.000,00	4,39	0,00	R\$ 40.000,00
Prejuízos Acumulados	-53,38	-R\$ 479.470,79	-95,36	103,74	-R\$ 976.884,10	-115,48	7,62	-R\$ 1.051.299,71
Prejuízo do Exercício	-10,15	-R\$ 91.129,43	-7,26	-18,34	-R\$ 74.415,61	-18,13	121,77	-R\$ 165.029,33
TOTAL DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO	-59,08	-R\$ 530.600,22	-98,72	90,60	-R\$ 1.011.299,71	-129,21	16,32	-R\$ 1.176.329,04
TOTAL DO PASSIVO	100,00	R\$ 898.138,58	100,00	14,05	R\$ 1.024.364,60	100,00	-11,13	R\$ 910.372,88

Fonte: Dados da empresa.

As análises do passivo da empresa evidenciam que a conta fornecedores se mostrou bastante relevante em 2017 (35,68%) e 2018 (56,05%). Já em 2019, passou para 19,58% do passivo, registrando queda de 68,96% em relação a 2018.

No passivo não circulante, a conta empréstimos de sócios se mostrou expressiva em todos os anos: 95,22%, 116,49%, e 178,31% entre 2017 e 2019. Isso demonstra que os compromissos de empréstimos a longo prazo cresceram, em média, 38% de um ano para o outro. A conta “Parcelamento PERT”, embora representasse 14,29% do passivo em 2017, nos anos seguintes tiveram quedas 53,24% e 7,62%, respectivamente. Isso demonstra que os débitos tributários em aberto da empresa diminuíram ao longo do período em análise.

O patrimônio líquido obteve resultado negativo de 59,08% em 2017, 98,72% em 2018 e 129,21% em 2019; com acréscimo de 90,60% no ano de 2018 e 16,32% em 2019. Esse fato se deve aos prejuízos acumulados de anos anteriores, somado ao prejuízo do ano vigente. Os resultados das análises do ativo e passivo mostraram que a gestão da empresa precisa melhorar como um todo, uma vez que está com baixos valores disponíveis em caixa e alto estoque de mercadorias. Em função disso, a empresa acaba recorrendo a empréstimos para o cumprimento de suas obrigações (o que também implica no aumento das dívidas de longo prazo).

3.2 Análise vertical e horizontal da DRE

Os dados da análise vertical e horizontal do resultado do exercício, durante os três anos, são apresentados na Tabela 3. Novamente, não foi realizada análise horizontal do ano de 2017 pela necessidade de dados do ano anterior. É importante ressaltar que, na DRE, a análise vertical é feita com base nos valores de receita líquida de vendas.

Tabela 3 - Demonstração de Resultado do Exercício.

	AV%	2017	AV%	AH%	2018	AV%	AH%	2019	
MERCADO INTERNO									
Receita Líquida	100,00	R\$ 212.157,38	100,00	100,39	R\$ 425.148,07	100,00	-18,48	R\$ 346.572,58	
Receita Bruta de Vendas	112,01	R\$ 237.636,74	99,43	77,89	R\$ 422.736,09	112,72	-7,59	R\$ 390.648,72	
Receita Bruta de Serviços	16,29	R\$ 34.569,24	5,12	-37,06	R\$ 21.756,63	4,42	-29,61	R\$ 15.314,28	
(DAS) Simples Nacional	-5,84	-R\$ 12.394,55	-1,49	-48,76	-R\$ 6.351,52	-8,83	381,65	-R\$ 30.591,86	
Multa/Juros	-22,46	-R\$ 47.654,05	-3,06	-72,73	-R\$ 12.993,13	-8,31	121,64	-R\$ 28.798,56	
PESSOAL									
Pró-Labore	0,00	R\$ -	-2,69	0,00	-R\$ 11.448,00	-3,46	4,61	-R\$ 11.976,00	
OCUPAÇÃO									
Água e Esgoto	-0,02	-R\$ 43,16	-0,13	1180,03	-R\$ 552,46	-0,19	17,27	-R\$ 647,89	
Energia Elétrica	-0,66	-R\$ 1.402,88	-1,74	426,24	-R\$ 7.382,53	-2,60	22,23	-R\$ 9.023,38	
Depreciação	-2,08	-R\$ 4.420,80	0,00	-100,00	R\$ -	-1,47	0,00	-R\$ 5.089,68	
Comunicação (Telefone, Fax, etc.)	-0,43	-R\$ 915,60	-0,66	206,43	-R\$ 2.805,70	-2,02	149,44	-R\$ 6.998,67	
SERVIÇOS DE TERCEIROS									
Outros Serviços de Terceiros	-6,40	-R\$ 13.572,70	-0,18	-94,31	-R\$ 772,20	-0,06	-74,10	-R\$ 200,00	
TRIBUTÁRIAS									
Impostos e taxas diversas	0,00	R\$ -	-0,10	0,00	-R\$ 432,43	-0,55	340,36	-R\$ 1.904,25	
PESSOAL									
Rescisões Contrato de Trabalho	-1,83	-R\$ 3.875,31	-0,09	-89,99	-R\$ 387,85	-0,16	43,35	-R\$ 556,00	
Contribuição para o FGTS	-3,80	-R\$ 8.064,90	-2,99	57,63	-R\$ 12.712,94	-2,72	-25,73	-R\$ 9.441,56	
Décimo Terceiro Salário	-2,58	-R\$ 5.465,26	-1,80	40,20	-R\$ 7.662,32	-0,19	-91,53	-R\$ 648,67	
Salários	-52,50	-R\$ 111.388,16	-23,12	-11,76	-R\$ 98.291,62	-32,31	13,91	-R\$ 111.966,31	
Férias	0,00	R\$ -	0,00	0,00	R\$ -	-2,66	0,00	-R\$ 9.235,59	
GERAIS									
Combustíveis	-6,95	-R\$ 14.736,15	-22,76	556,74	-R\$ 96.777,91	0,00	-100,00	R\$ -	
Despesas CDL-GV	-0,03	-R\$ 56,00	-0,09	611,29	-R\$ 398,32	-0,12	6,23	-R\$ 423,12	
Despesas de Organização	-0,56	-R\$ 1.185,00	-0,01	-97,54	-R\$ 29,13	-0,02	140,30	-R\$ 70,00	
Manutenção de Sistema	0,00	R\$ -	0,00	0,00	R\$ -	-1,11	0,00	-R\$ 3.836,30	



Brindes e Bonificações	0,00	R\$	-	0,21	0,00	R\$	877,55	0,11	-57,03	R\$	377,06
CUSTO DAS MERCADORIAS VENDIDAS (CMV)											
(CMV) Custo das Mercadorias Vendidas	-65,12	-R\$	138.160,89	-61,34	88,76	-R\$	260.787,82	-98,09	30,36	-R\$	339.961,55
Resultado do Exercício	-42,95	-R\$	91.129,43	-17,50	-18,34	-R\$	74.415,61	-47,62	121,77	-R\$	165.029,33

Fonte: Dados da empresa.

A análise vertical do ano de 2017 demonstra que a conta receita bruta de vendas representa 112,01% da receita líquida e a conta receita bruta de serviços 16,29%. Estas duas são as mais relevantes do mercado interno. Por outro lado, a conta multa/juros teve um resultado negativo de 22,46%, o que demonstra a dificuldade da empresa em manter suas contas em dia. A conta salários registrou resultado de -52,50% e o custo com mercadorias vendidas de -65,12%.

Em 2018, a receita bruta de vendas aumentou 77,89% em relação ao ano anterior. Porém, passou a representar 99,43% da receita líquida; em 2017, esse valor era 112,01%. Muito provavelmente essa diferença percebida em 2017 se deve ao fato de que contas operacionais - como água e esgoto (1180,03%), energia elétrica (426,24%) e comunicação (206,43%).

A receita bruta de serviços caiu 37,06% e passou a representar apenas 5,12% da receita líquida. A conta multa/juros diminuiu 72,73% em relação ao ano anterior. Algumas despesas gerais, como combustíveis e Câmara Dirigentes Lojistas (CDL-GV), aumentaram em 556,74% e 611,29%, respectivamente. Já a conta despesas de organização teve uma queda de 97,54%. A conta CMV cresceu 88,76% em relação à 2017, o que representa - 61,34% da receita líquida.

No ano de 2019, a receita bruta de vendas teve uma queda de 7,59% em relação a 2018; no entanto, passou a representar 112,72% da receita líquida. A receita bruta de serviços também teve uma queda de 29,61%, representando 4,12% da receita líquida. Esse resultado negativo da receita bruta de serviços, pelo segundo ano seguido, pode ser reflexo da falta de metas em relação à prestação de serviços, ou ainda a falta de monitoramento da qualidade do serviço prestado. As despesas operacionais registraram aumento - como água e esgoto (17,27%), energia elétrica (22,23%) e comunicação (149,44%). Embora a conta combustíveis tenha diminuído em 100% em relação a 2018, a conta CDL-GV teve um aumento de 6,23% e despesas de organização 140,30%. A conta CMV aumentou 30,36% em relação a 2018 e passou a representar -98,09% da receita líquida.

Ao longo dos três anos em avaliação, a empresa registrou prejuízo, sendo o maior deles no ano de 2019 (de aproximadamente R\$ 165.000,00). Em relação a

2018, esse prejuízo cresceu 121,77%. Tais resultados demonstram, mais uma vez, que a gestão financeira da empresa requer melhores controles que contribuam para decisões mais assertivas.

3.3 Análise dos índices de liquidez

De uma forma geral, os índices de liquidez indicam a capacidade da empresa em cumprir suas obrigações, revelando quão sólida é a sua base financeira. São listados, na Tabela 4, os índices de liquidez da empresa.

Tabela 4 - Índices de Liquidez.

Índices de Liquidez	2017	2018	2019
Liquidez corrente	2,00	1,30	2,22
Liquidez imediata	0,002	0,002	0,003
Liquidez seca	0,43	0,49	0,35
Liquidez geral	0,50	0,50	0,43

Fonte: Autoria própria.

A liquidez corrente da empresa permaneceu acima de 1 em todos os anos, o que indica a capacidade de cumprir suas obrigações de curto prazo. Porém, é importante ressaltar que a maior parte do seu ativo circulante é composta por estoque de mercadorias, o que indica a necessidade de elevar o volume de vendas e conseqüentemente os valores disponíveis em caixa, conforme mostrou as análises vertical e horizontal.

Já a liquidez imediata se manteve muito próxima de zero em todos os anos analisados. Em 2019 teve um pequeno aumento, passando de 0,002 para 0,003. O que indica que a empresa não consegue liquidar com compromissos imediatamente - ou seja, não possui capital para cumprir despesas operacionais com recursos disponíveis em caixa e equivalentes de caixa.

Por sua vez, os índices de liquidez seca ficaram abaixo de 1 em todos os anos, com uma queda em 2019, onde passou de 0,49 para 0,35 (menor valor entre os anos analisados). Isso significa que a empresa tem mais compromissos de curto prazo do que recursos disponíveis.

Finalmente, a liquidez geral demonstra a situação a longo prazo, considerando direitos e obrigações. Conforme observado, os valores permaneceram abaixo de 1, com menor resultado em 2019 (de 0,43). Durante o período, a empresa demonstrou não possuir capital suficiente para arcar com todas suas obrigações.

Os índices de liquidez mostraram que a empresa tem dificuldade de controlar suas despesas. A liquidez corrente foi a única acima de 1, indicando o seu potencial em quista dívidas de curto prazo. No entanto, quando a análise é feita de forma mais detalhada, é possível perceber que a empresa não possui uma boa liquidez uma vez que a maior parte do seu ativo se concentra em estoques e contas a receber.

3.4 Análise dos índices de rentabilidade e lucratividade

Os índices de rentabilidade e lucratividade (Tabela 5) demonstram a rentabilidade dos capitais investidos, bem como a capacidade de gerar recursos.

Tabela 5 - Índices de rentabilidade.

Índices de Rentabilidade	2017	2018	2019
Giro do ativo	0,24	0,42	0,38
Margem operacional bruta	128%	105%	117%
Margem operacional líquida	-43%	-18%	-48%
Margem de contribuição	R\$ 146.439,64	R\$ 190.056,42	R\$ 96.593,31
Índice de margem de contribuição	54%	43%	24%
Ponto de Equilíbrio	R\$ 305.788,74	R\$ 557.333,5	R\$ 716.739,25
Retorno sobre o ativo	-10%	-7%	-18%
Retorno sobre o PL	17%	7%	14%

Fonte: Autoria própria.

O giro do ativo teve seu menor valor em 2017 - para cada R\$1,00 de capital empregado, a empresa vendeu R\$ 0,24. Em 2018, houve um pequeno aumento, passando para 0,42; em 2019, praticamente manteve o mesmo valor anterior (0,38). Tais dados indicam que a empresa não está utilizando de forma eficiente seus ativos.

A margem operacional bruta demonstra quanto à empresa ganha com a venda dos seus produtos. Em todos os anos, o seu percentual se manteve acima de 100%, tendo seu maior valor em 2017 (128%). Em 2018, houve uma queda de 23%; em 2019, um aumento de 12% em relação ao ano anterior.

A margem operacional líquida, por sua vez, teve um resultado negativo em todos os anos analisados. Isso significa que o percentual de lucro em relação ao faturamento da empresa foi negativo - houve prejuízo em suas vendas de 43% em 2017, 18% em 2018 e 48% em 2019.

A margem de contribuição obteve bom resultado em 2017, chegando a 54%. Já em 2018, passou para 43%. Em 2019, houve uma queda, passando para 24%. Isso se deve ao fato de que os custos com mercadorias aumentaram em 2018 e 2019, ao passo em que as receitas de serviços caíram nesse mesmo período. Embora em 2018 a receita com vendas tenha aumentado 77,89% em relação ao ano de 2017, no ano de 2019 também houve uma queda de 7,59% em relação a 2018. Tais fatores contribuiriam para a queda da margem de contribuição.

O ponto de equilíbrio cresceu durante os três anos: R\$ 204.136,90 em 2017, R\$ 431.141,64 em 2018 e, R\$ 469.126,06 em 2019. O crescimento em 2018 foi de mais de 100% em relação ao ano anterior. Tal resultado demonstra a dificuldade da empresa em controlar seus custos e despesas, que cresceram significativamente em um período de três anos, tornando instável a implantação de metas a longo prazo.

Sobre os indicadores de retorno sobre o ativo e patrimônio líquido (Figura 2), é possível perceber que a capacidade de gerar retorno está comprometida em decorrência do uso ineficiente dos recursos. Paralelamente, foram registrados três anos seguidos de prejuízo, o que motivou a busca por capital de terceiros. Já o resultado do retorno sobre o patrimônio líquido foi positivo em todos os anos - pois o valor do lucro líquido e patrimônio líquido foram negativos.

Figura 2 - Retorno sobre o ativo e sobre o patrimônio líquido.



Fonte: Autoria própria.

Esse resultado se torna inviável para uma análise - trata-se de um falso-positivo. Como esse índice busca mostrar a capacidade da empresa e de seus gestores em gerar lucro sobre o capital aplicado, observa-se que a gestão da empresa não tem gerado um bom desempenho.

Através dos índices de rentabilidade e lucratividade, percebeu-se que a empresa não está utilizando de forma correta seus recursos. Embora sua margem de lucratividade bruta tenha ficado acima de 100% em todos os anos, a empresa não controla os seus gastos, incorrendo em altos prejuízos.

3.5 Análise dos índices de endividamento

Com base nos dados da Tabela 6 abaixo, foi realizada a análise dos indicadores de endividamento.

Tabela 6- Índices de endividamento.

Índices de Endividamento	2017	2018	2019
Capital de terceiros	R\$ 269,27	R\$ 201,29	R\$ 177,39
Composição de endividamento	R\$ 31,16	R\$ 38,44	R\$ 19,55
Imobilização do patrimônio líquido	- R\$ 1,75	- R\$ 0,92	- R\$ 0,36

Fonte: Autoria própria.

A participação de capital de terceiros teve seu maior valor no ano de 2017, o que significa que, para cada R\$ 100,00 de capital próprio a empresa utilizou R\$ 269,27 de capital de terceiros. Em 2018, houve uma pequena diminuição do valor, passando para R\$ 201,29. Dentre os anos analisados, 2019 teve melhor resultado sendo, para cada R\$ 100,00 de capital próprio a empresa utilizou R\$ 177,39 de recursos de terceiros.

A composição de endividamento compara as obrigações totais com as obrigações de curto prazo. No ano de 2017, a cada R\$ 100,00 da dívida total, R\$ 31,16 vence a curto prazo. O valor mais alto deste índice foi em 2018 (R\$ 38,44). Já em 2019, teve uma queda e passou a representar apenas R\$ 19,55 da dívida total. Quanto menor o percentual de dívidas a curto prazo, melhor para empresa. Ressalta-se que um alto valor de dívidas com pequeno prazo pode causar um acúmulo nas obrigações, bem como atraso no pagamento das mesmas.

A imobilização do patrimônio líquido mostrou que a empresa não aplicou altos valores em ativo permanente. Em 2017, para cada R\$ 100,00 de capital próprio, a empresa tem aplicado no ativo não circulante R\$ 1,75. Já em 2018 e 2019, esse valor passou para R\$ 0,92 e R\$ 0,36, respectivamente.

De um modo geral, os índices de endividamento evidenciaram a dificuldade de gestão financeira da empresa e uma alta dependência de capital de terceiros para o cumprimento das suas obrigações. A persistência desse cenário, por mais tempo, pode levar a empresa à falência.

A análise vertical e horizontal do BP e DRE permitiu, em um primeiro momento, identificar as possíveis falhas de gestão na empresa, especialmente no baixo valor disponível em caixa (contrastando com um alto valor de estoque de mercadorias e contas a receber). Como consequência, foram observados valores muito altos de empréstimos para quitação de despesas operacionais.

Em relação ao estoque, recomenda-se que seja feito um monitoramento dos produtos disponíveis antes de realizar as compras. Como a empresa já possui um *software* que permite esse controle, é necessário que o mesmo seja integrado no planejamento de compras – a partir da identificação de produtos mais vendidos e do tempo de reabastecimento deles.

No caso das contas a receber, sugere-se que a empresa busque trabalhar apenas com vendas à vista ou cartão de débito/crédito como forma de garantir segurança financeira e maiores valores disponíveis em caixa. Assim, as despesas operacionais podem ser cumpridas sem a necessidade de recorrer a empréstimos.

Os índices econômico-financeiros confirmaram os resultados das análises iniciais. Os índices de liquidez mostraram que a empresa tem capacidade de liquidar suas dívidas de curto prazo; porém, seus recursos se concentram em mercadorias e contas a receber. Para solucionar esse problema, recomenda-se um melhor planejamento de compras e o desenvolvimento de estratégias para aumento de vendas, preferencialmente no dinheiro ou cartão.

Os índices de rentabilidade e lucratividade demonstraram que há falhas na gestão dos recursos pois, embora a margem operacional bruta estivesse acima de

100% em todos os anos, ela passa a ser negativa quando são considerados, integralmente, despesas e custos da empresa (margem operacional líquida). Sugere-se a diminuição de custos com fornecedores e empréstimos, que são justamente as contas que mais consomem seus recursos financeiros. Os índices de endividamento confirmaram esse resultado, mostrando uma grande dependência de capital de terceiros e baixo controle dos custos e despesas. Esses fatores têm contribuído para um resultado operacional negativo em todos os anos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises aplicadas nos demonstrativos de BP e DRE, buscou-se verificar a saúde financeira da empresa, bem como direcionar as possíveis falhas de gestão financeira identificadas. Foi observado que a empresa falha na gestão dos seus recursos e de suas vendas.

O ativo circulante, em todos os anos, se concentra em estoque de mercadorias e em contas a receber – o que permite inferir que a empresa não está vendendo o suficiente para diminuir o estoque e apresenta um alto valor de vendas a prazo. Em decorrência disso, há um baixo valor disponível no caixa, o que motiva a busca de capital de terceiros para pagamento de custos e despesas operacionais. Consequentemente, o atraso no cumprimento de suas obrigações têm gerado valores altos de multa e juros. Os índices de liquidez confirmaram que a empresa não tem capital suficiente para arcar com suas obrigações.

Já os índices de rentabilidade e lucratividade demonstraram que a empresa tem dificuldade no controle dos custos e despesas. Embora tenha uma boa margem operacional bruta, a margem líquida calculada foi negativa em todos os anos, o que indica prejuízo. Por fim, os índices de endividamento demonstraram alta dependência de capital de terceiros, com aumento das dívidas com empréstimos de longo prazo.

Algumas ações de melhorias foram sugeridas como: monitoramento dos produtos disponíveis em estoque antes de realizar as compras, desenvolvimento de

estratégias para aumento de vendas no dinheiro e no débito/crédito. É extremamente importante que a empresa busque vender as mercadorias disponíveis em estoque para diminuir os custos com fornecedores e despesas com empréstimos.

Dentre as limitações do estudo, destaca-se a impossibilidade de calcular a rentabilidade da empresa, uma vez que seu patrimônio líquido foi negativo nos períodos. Recomenda-se que estudos futuros busquem novos parâmetros para o cálculo da rentabilidade da empresa.

Conclui-se que uma gestão financeira eficiente, seja ela pequena, média ou grande, é de extrema importância para a sobrevivência das empresas no mercado. O uso de ferramentas, tais como análise vertical e horizontal e de índices econômico-financeiros, permite a compreensão e visualização dos seus pontos fracos e fortes, bem como a antecipação na tomada de decisão.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, A. **Estrutura e análise de balanços: um enfoque econômico e financeiro**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

ASSAF NETO, A.; LIMA, F. G. **Fundamentos de administração financeira**. 3. ed. São Paulo: Atlas Ltda., 2017.

BORBA, J. A.; DILL, R. **Análise da rentabilidade de empresas: uma abordagem baseada na lógica nebulosa (Fuzzy Logic)**. 2007.

BREALEY, R. A.; MYERS, S. C.; ALLEN, F. **Princípios de finanças corporativas**. 12 ed. Porto Alegre: Amgh, 2018. 882 p.

CASTIGLIONI, J. A. **Assistente de Contabilidade: Guia prático**. 2. ed. São Paulo: Érica. 2014.



COLLATTO, D. C.; REGINATO, L. Método de Custeio Variável, custeio direto e teoria das restrições no contexto da gestão estratégica de custos: um estudo aplicado ao Instituto de Idiomas Unilínguas. In: **Congresso Internacional de Custos**, IX. 2005.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2006.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

GITMAN, L. J. **Princípios de administração financeira**. 12 ed. São Paulo: Pearson, 2010.

GOMES, J. H. F.; SILVA, S. F. **Análise financeira e econômica**. 2006. Itajubá. Disponível em: <http://www.iepg.unifei.edu.br/edson/CGprograma_arquivos/Marisol.pdf>. Acesso em: 09 set. 2020.

GONÇALVES, E. C.; BAPTISTA, E. **Contabilidade geral**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GRECO, A. L.; AREND, L. R. **Contabilidade: teoria e prática básicas**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2016. 352 p.

HASTENTEUFEL, C.; LARENTIS, F. **Análise da rentabilidade de clientes através da margem de contribuição**: um estudo em uma empresa de médio porte do setor moveleiro localizada na serra gaúcha. 2015. Disponível em: <<https://revistas.cefet-rj.br/index.php/producaoeddesenvolvimento/article/view/e61/90>>. Acesso em: 07/12/2020.

IUDÍCIBUS, S. **Análise de Balanços**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

IUDÍCIBUS, S.; MARION, J. C.; FARIA, A. C. **Introdução à teoria da contabilidade: para graduação**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2018. 293 p.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. **Metodologia Científica**. 7ª edição. Atlas, 04/2017.



LUCATO, W. C. **Gestão de pequenas e médias**: Como resolver questões financeiras sem traumas. São Paulo: Fênix, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MARION, J. C. **Contabilidade empresarial**: instrumentos de análise, gerência e decisão. 18. ed. São Paulo: Atlas 2018. 357 p.

MARTINS, E.; MIRANDA, G. J.; DINIZ, J. A. **Análise didática das demonstrações contábeis**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços**: abordagem gerencial. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

McMAHON, R. G. P. **Growth and performance of manufacturing SMEs**: the influence of financial management characteristics. *International Small Business Journal*, Surrey, v. 19, n. 3, p. 10-28, Apr. 2001.

MEHRALIZADEH, Y.; SAJADY, S. H. **A study of factors related to successful and failure of entrepreneurs of small industrial business with emphasis on their level of education and training**. In: EUROPEAN CONFERENCE ON EDUCATIONAL RESEARCH, 2005, Dublin. Anais... University College Dublin, 2005. p. 1 - 39.

MELO, M.; BARBOSA, S. **Demonstrações contábeis**: Teoria e prática. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2018. 260 p.

OLIVEIRA, A. A. et al. **A análise das demonstrações contábeis e sua importância para evidenciar a situação econômica e financeira das organizações**. 2010. Disponível em: <http://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdfs/ricardo_alessandro.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2020.

OYADOMARI, J. C. T. **Contabilidade gerencial**: ferramentas para melhoria de desempenho empresarial. São Paulo: Atlas, 2018. 240 p.



PADOVEZE, C. L. **Contabilidade gerencial**: um enfoque em sistema de informação contábil. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

PADOVEZE, C. L.; BENEDICTO, G. C. **Análise das demonstrações financeiras**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

RESOLUÇÃO CFC Nº 1.418. 2012. Disponível em:
<http://www.normaslegais.com.br/legislacao/resolucao_cfc_1418_2012.htm>.
Acesso em: 07 out. 2020.

RIBEIRO, O. M. COELHO, Juliana Moura Ribeiro. **Contabilidade para concursos e exame de suficiência**: dos conceitos básicos aos principais temas dos editais de concursos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2017. 528 p.

SANTOS, J. L. et al. **Contabilidade geral**: atualizado pela lei 11.941/09 e pelas normas do cpc até o documento de revisão e pronunciamento técnicos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2014.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO À MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Brasil alcança recorde de novos negócios, com quase 4 milhões de MPE em 2021**. Disponível em:
<<https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/ma/noticias/brasil-alcanca-recorde-de-novos-negocios-com-quase-4-milhoes-de-mpe,b7e02a013f80f710VgnVCM100000d701210aRCRD>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO À MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Sobrevivência das Empresas em 2020**. Disponível em:
<https://www.agenciasebrae.com.br/asn/Estados/NA/Sobrevivencia-empresas-sebrae_Final.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.



SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO À MICRO E PEQUENAS EMPRESAS (SEBRAE). **Fatores condicionantes e taxas de sobrevivência e mortalidade das micro e pequenas empresas no Brasil: 2003–2005.** São Paulo, 2007. Disponível em:

<[http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBAD3/\\$File/NT00037936.pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/8F5BDE79736CB99483257447006CBAD3/$File/NT00037936.pdf)>. Acesso em: 22 out. 2020.

SILVA, A. A. **Estrutura, análise e interpretação das demonstrações contábeis.** 5.ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2017.

SILVA, A. B. et al. Desafios enfrentados pelas micro e pequenas empresas no Brasil. **Conexão Eletrônica.** Três Lagoas, v. 12, n. 1, 2015.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2000, 118 p.

SILVA, E.C. **Como administrar o fluxo de caixa das empresas:** guia de sobrevivência empresarial. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques.** Newbury Park, CA: Sage Publications, 1998.

SZUSTER, N., CARDOSO, R. L., SZUSTER, F. R., SZUSTER, F. R., & SZUSTER, F. R. **Contabilidade Geral:** introdução à contabilidade societária. São Paulo: Atlas, 2011.

TERENCE, A. C. F. **Processo de criação de estratégias em pequenas empresas:** elaboração de um mapa estratégico para empresas de base tecnológica no polo de São Carlos/SP. 2008.

YIN, R. K. **Estudo de caso, planejamento e métodos.** 2.ed. São Paulo: Bookman, 2001.



ZDANOWICZ, J. E. **Gestão financeira para cooperativas: enfoques contábil e gerencial.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2014. 263 p.

Recebido em 25/10/2021

Publicado em 26/04/2022